

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Juliana Martins Almeida Rodrigues Chagas

# Domingo no Parque

Belo Horizonte

2013

Juliana Martins Almeida Rodrigues Chagas

# Domingo no Parque

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para a obtenção do título de  
Bacharel em Design de Moda da  
Universidade Federal de Minas Gerais

Orientação e coorientação: Augustin de Tugny e Márcia Chagas

Belo Horizonte

2013

## Resumo

A letra de Domingo no Parque, canção do cantor e compositor Gilberto Gil, conta a história do triângulo amoroso composto por Juliana e dois amigos, João e José, ambos apaixonados por ela. O desenrolar do enredo traz contornos do desfecho trágico: José, possuído pelo ciúme obsessivo, assassina o casal.

O foco deste projeto de coleção experimental é mostrar a mulher amada por dois homens, idealizada e colocada em um pedestal. Vestir Juliana é uma forma de transmitir toda a densidade da paixão dos homens. Essa mulher traz consigo a contradição: a beleza juvenil e ingênua; e ao mesmo tempo, adulta e sensual. O contraste dos materiais mostra opulência versus delicadeza e simplicidade. Cada traje representa 3 tempos de Juliana: passado, presente e futuro: as blusas de renda, mostrando suas raízes, sua ligação com a cultura, o folclore e a religião, as saias mostrando o local em que ela está, no parque, em meio a todas as estruturas dos brinquedos, e as miçangas são os enfeites para deixá-la preparada para se tornar uma deusa, uma orixá após a sua morte.

Enquanto a cartela de tecidos dessa coleção experimental possui apenas o gazar branco, a cartela de cores conta com tons de vermelho, creme e branco. A transparência marca presença em todos os trajes, demonstrando a sensualidade; e a silhueta é triangular, com pouco volume na parte das blusas, enquanto as saias ganham proporções estruturais volumosas.

O resultado é o conjunto de elementos que formam os traços característicos dessa mulher misteriosa, complexa, e que se torna um objeto de desejo na mente dos homens.

## **Resume**

The lyrics of *Domingo no Parque*, song sang and wrote by Gilberto Gil, tell the story of a love triangle consisting on Juliana and two friends, João and José, both in love with her. The final outlines bring the tragic outcome, Joseph, owned by obsessive jealousy, murder the couple.

The focus of this experimental collection project is showing the woman loved by two men, idealized and placed on a pedestal. Dressing Juliana is a way to transmit all the density of the passion of them both. This woman brings a contradiction: the naive and youthful beauty, and at the same time, adult and sexy. The contrast of the materials shows opulence versus delicacy and simplicity. Each costume is 3 times Juliana: past, present and future: blouses made of lace, showing her roots and connection with the culture, folklore and religion; skirts showing the place she is in the park, among all structures of toys; and beads and embellishments are to prepare her to become a goddess, a deity after her death.

While the palette of fabrics in this collection has only the white gazar, the color palette includes shades of red, cream and white. All costumes are transparent, demonstrating the sensuality, and the silhouette is triangular, with a little volume on the blouses, while skirts win massive structural proportions.

The result is a set of elements that form the characteristic features of this mysterious woman, complex, and that becomes an object of desire in the minds of men.

## **Sumário**

Apresentação	6
Desenvolvimento	8
Conclusão	16
Referências	17

## **Apresentação**

Este Projeto de Coleção é inspirado em Juliana, protagonista de *Domingo no Parque* (1967), canção do cantor e compositor Gilberto Gil, e tem como resultado dez croquis, dos quais quatro deles foram confeccionados.

A letra conta a história do triângulo amoroso entre Juliana e dois amigos, João e José, ambos apaixonados por ela. O desenrolar do enredo traz contornos do desfecho trágico: José, possuído pelo ciúme obsessivo, assassina o casal.

Gilberto Gil parte de elementos regionais da Bahia e do folclore para a construção da música: principalmente o ritmo, para o qual usa toques do Berimbau, instrumento musical muito utilizado e valorizado em rodas de capoeira. A estrutura repetitiva da melodia tem raízes nos cantos tradicionais de trabalho, reza e outras manifestações culturais da Bahia.

Como referência visual utilizou-se fotografias que registram a Bahia entre os anos de 1948 e 1976, do fotógrafo francês Pierre Verger. As fotografias em preto e branco, de caráter etnográfico, retratam o cotidiano, a cultura e os modos dos cidadãos baianos. A partir dessa referência, tentou-se delimitar as características da época e absorver o que a letra e a musicalidade ambientam. Influenciando a parte superior dos trajes, as roupas que aparecem nas fotografias são, em sua maioria, feitas à mão e constituídas de rendas artesanais.

Uma coleção que serviu de inspiração é *Artesania*, projeto de Jum Nakao realizado com um grupo de costureiras, artesãos e bordadeiras cearenses. Nela, o estilista utiliza materiais tradicionais do Ceará em profusão, tais como couro cru, a renda, a palha, e os fios de algodão e de linho. Também traz bordados delicados de ponto renascença, bilro, filé, *richelieu*, crochê e macramê, utilizados frequentemente pelas rendeiras. As saias volumosas criadas nesta coleção são armadas por estruturas que se movimentam graciosamente enquanto as modelos caminham. Tocando nos pontos do trabalho de volume e processos artesanais, Jum Nakao mostra a identidade tradicional nordestina sem cair no comum.

Em continuada inspiração pelo trabalho de Jum Nakao, através do projeto intitulado *A Costura do Invisível*, seu último desfile na *São Paulo Fashion Week*, realizado em 2004, são os trajes feitos de papel. Buscou-se o contraste entre a leveza da textura do papel recortado com desenhos imitativos de renda, às vezes translúcido, trazendo a grandeza das estruturas criadas. Tal contraste foi muito utilizado neste projeto, já que se quis mostrar as várias faces

de Juliana e as situações opostas vivenciadas, como o amor e o ódio, em tão curto espaço de tempo.

As crinolinas, armações de saias parecidas com gaiolas, e que foram moda no universo feminino entre 1852 e 1870 surgiram como fonte inspiradora, já que produziam grande volume por baixo de saias e vestidos, além de se parecerem com as estruturas de parques de diversão que foram pesquisadas. Utilizou-se também as anquinhas, armações concentradas apenas nas laterais e parte de trás do corpo.

A coleção de 2009 do estilista Alexandre Herchcovitch foi utilizada como inspiração para a criação da parte de baixo dos trajes, pois em alguns modelos, ele inseriu gaiolas do século XIX revestidas com tecido transparente.

No que diz respeito à questão estrutural do trabalho, as esculturas de Leigh Pennebaker, uma artista estadunidense que elabora vestidos em arame, sua principal matéria prima, deram sua contribuição para o resultado desejado. O arame, juntamente com o acrílico, é a base de toda a estrutura da parte de baixo dos trajes; e o entrelaçamento e ligação de vários feixes desse material promovem o volume das saias. Embora o trabalho de Leigh seja de beleza elaborada, a questão do acabamento aparente e a pouca preocupação com a perfeição e rigidez das formas também se encaixa na construção dos trajes desta coleção.

A pesquisa imagética trouxe forte contribuição à construção deste projeto: imagens de festivais, costumes, modos, vestuário da população baiana, estruturas de engenharia, e principalmente dos brinquedos de parques de diversão; em especial, a roda gigante, citada na canção como o local onde acontece o clímax da história.

A referência teórica principal é a própria canção *Domingo no Parque*, com as considerações de seu criador, Gilberto Gil. Os estudos foram realizados com base na visão crítica e análise pessoal da história.

## **Domingo no Parque**

A escolha da vertente musical com a canção de Gilberto Gil se deve primeiramente à admiração das obras desse cantor e compositor. Em segundo lugar, Gil construiu no Brasil, com ápice nos anos 60, quando se juntou a outros artistas, o Movimento Tropicalista, que na abrangência, inovação e profundidade trouxe riquezas de uma era aos diversos temas de suas composições. Sua obra musical tem ampla dimensão e uma variedade de ritmos e questões da existência humana que tornam suas canções sempre contemporâneas.

*Domingo no Parque* foi a canção escolhida pela forma como a história é contada. Quem a escuta é levado até o final pela mistura de sentimentos e tensão da qual não consegue escapar. A cada momento toma uma forma e seu desdobramento traz a angústia do triângulo amoroso.

A protagonista se chama Juliana, o que trouxe a identificação ficcional com a personagem, trazendo novos pontos de vista, vivenciados de uma forma passional.

### **A música**

*Domingo no Parque* (1967) – Gilberto Gil

“O rei da brincadeira - ê, José  
O rei da confusão - ê, João  
Um trabalhava na feira - ê, José  
Outro na construção - ê, João

A semana passada, no fim da semana  
João resolveu não brigar  
No domingo de tarde saiu apressado  
E não foi pra Ribeira jogar  
Capoeira  
Não foi pra lá pra Ribeira  
Foi namorar

O José como sempre no fim da semana  
Guardou a barraca e sumiu  
Foi fazer no domingo um passeio no parque  
Lá perto da Boca do Rio  
Foi no parque que ele avistou



Juliana  
Foi que ele viu

Juliana na roda com João  
Uma rosa e um sorvete na mão  
Juliana, seu sonho, uma ilusão  
Juliana e o amigo João  
O espinho da rosa feriu Zé  
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa - ô, José  
A rosa e o sorvete - ô, José  
Oi, dançando no peito - ô, José  
Do José brincalhão - ô, José

O sorvete e a rosa - ô, José  
A rosa e o sorvete - ô, José  
Oi, girando na mente - ô, José  
Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando  
Oi, na roda gigante - oi, girando  
Oi, na roda gigante - oi, girando  
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho  
Oi, girando, e a rosa - é vermelha  
Oi, girando, girando - é vermelha  
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - ê, José  
Juliana no chão - ê, José  
Outro corpo caído - ê, José  
Seu amigo, João - ê, José

Amanhã não tem feira - ê, José  
Não tem mais construção - ê, João  
Não tem mais brincadeira - ê, José  
Não tem mais confusão - ê, João”.

## **O duelo entre João e José**

Gilberto Gil traz para o cenário dois homens com características psicológicas diferentes. João é expansivo, ousado e de gênio forte, enquanto José é brincalhão, calmo e cauteloso. A repetição ao longo da música: a roda gigante, o sorvete, o sabor do morango, a cor vermelha, tudo colabora para o alcance do desejo do autor de trazer a tragédia à tona, como a fúria que cresce no interior de José, que se revela forte, corajoso e prepotente pela inveja e ciúmes, travestidos de uma agressividade doentia.

Simbolicamente o sorvete e a rosa, ambos vermelhos sugerindo o sangue, vão girando no peito de José, causando uma confusão em seus sentimentos, e logo após vão girando em sua mente de forma avassaladora, momento em que ele planeja o crime. A covardia de José em não se declarar a Juliana toma ares raivosos e o desfecho trágico se revela no duplo homicídio passionai. A música gira todo o tempo; assim como as estruturas das saias, sempre ao redor da modelo, dando a dimensão de movimento.

### **Juliana – a mulher no simbolismo do desejo**

Juliana – a protagonista da história de Gilberto Gil é o foco deste projeto. Mostra a mulher amada por dois homens, idealizada e colocada em um pedestal por um dos personagens, que finaliza o ato com o trágico assassinato: “Se ela não é minha, não será de mais ninguém”.

Vestir Juliana é uma forma de transmitir toda a densidade da paixão de dois homens. Essa mulher traz consigo a contradição: a beleza juvenil e ingênua; e ao mesmo tempo, adulta e sensual. Opulência versus delicadeza e simplicidade.

O curioso é que não existe uma caracterização da personalidade de Juliana, do seu cotidiano, nem sua profissão; o que foi feito com os personagens João e José. Neste projeto, ela é construída a partir de interpretação pessoal, da análise e estudos feitos em relação à história e seu contexto.

Juliana é traduzida de acordo com a imagem inferida por este trabalho: jovem; aproximadamente 23 anos; negra; cabelos longos e crespos; olhos amendoados e escuros; rosto fino, com maçãs do rosto marcantes. Mulher romântica, cheia de sonhos, Juliana ajuda a mãe nos afazeres domésticos, na venda de acarajés no centro da cidade e nos encontros do

terreiro de Candomblé; nos dias livres aproveita para se divertir da longa semana de trabalho. Bonita, ingênua e sensual. Desejada pelos homens que a conhecem, enamora-se de João e não tem conhecimento do amor de José por ela.

Eis Juliana – em seu lindo vestido branco que se contrasta com o colorido do parque de diversão, com a rosa e o sorvete de morango entre as mãos, que escorre vermelho em sua roupa.

### **Bases de construção do projeto**

Foram utilizados alguns elementos para basear a criação dos trajes:

#### **Estruturas**

Influenciando a parte inferior de todos os trajes, as estruturas remetem às formas encontradas em um parque de diversão – local da história; e principalmente à roda gigante, brinquedo no qual Juliana se diverte com João. Essas formas se assemelham às gaiolas; uma gaiola simbólica, como a que prende Juliana, submetida a dois amantes; vida e morte à escolha de um deles.

Formadas em parte por treliças (estruturas triangulares formadas por elementos ligados entre si), as instalações dos parques de diversão deixam as estruturas visíveis; o que torna a visão dos brinquedos mais interessante ao olhar do público.

A roda gigante é um brinquedo típico dos parques de diversão, formada de duas rodas paralelas e suspensas, possui bancos nos quais as pessoas se sentam para apreciar a vista e embriagar-se ao movimento, à altura e à vertigem. E nada melhor para representar a tensão da história, sempre com suspense.

Em certo trecho da canção, a roda gigante se torna extremamente importante, trazendo a dinâmica do drama:

“O sorvete e a rosa - ô, José

A rosa e o sorvete - ô, José

Oi, girando na mente - ô, José

Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando

Oi, na roda gigante - oi, girando  
Oi, na roda gigante - oi, girando  
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho  
Oi, girando, e a rosa - é vermelha  
Oi, girando, girando - é vermelha  
Oi, girando, girando - olha a faca!”

Os giros harmônicos da roda gigante, o casal apaixonado, ambos se misturam no turbilhão de sentimentos e devaneios de José, dando dimensão ao doentio e neurótico de sua mente; Juliana é o objeto de sua possessão; ele a quer presa, engaiolada. As amplas estruturas presas nos quadris dos trajes que se assemelham às estruturas dos brinquedos são exatamente a materialização da mistura do giro físico e real da roda gigante com o giro de emoções e pensamentos de José.

A utilização de arame zincado e tubos de acrílico também reforça a imagem da estrutura do brinquedo, com as articulações à mostra. Porém não fica agressivo e maciço, pois o objeto se movimenta durante o caminhar de quem o veste; além da transparência, o que passa a impressão de leveza.

### **Silhueta com volume no quadril**

O quadril volumoso, forma nascida em terras europeias e inserida na cultura brasileira, é típico das vestes das famosas baianas. Elas representam a beleza feminina e a valorização da mulher no contexto cultural nordestino.

### **Artesanato**

O artesanato típico do ambiente tradicional nordestino influencia a parte superior dos trajes, que são feitos pelo uso de sobreposição e entrelaçamento de rendas e aplicações de miçangas.

As fotografias de Pierre Verger foram muito importantes na criação das peças. Muitas fotografias, demonstrando o vestuário e adornos da época, foram analisadas e mostram exatamente o ambiente, as formas e os contornos, como desejados para este projeto. Pessoas de roupas simples, com seus costumes e penduricalhos; trabalhadoras, com feições que misturam felicidade, angústia e sofrimento causados pela escassez de água, terra e comida.

As rendas em fita e a pedraria sintetizam o ambiente, como se desse lugar tivessem saído os personagens da história. Juliana, moça de família, que ajuda a mãe, mas se permite a diversão aos fins de semana. As profissões de João e José também caracterizam parte dessas pessoas que moram no interior, ou que de lá saíram em busca de vida melhor: pedreiros e feirantes no trabalho árduo de todos os dias, buscam conforto e melhoria de vida.

No Candomblé, religião de grande influência na Bahia, os enfeites e acessórios expressam o grau hierárquico entre as entidades de um terreiro. Somente os mais antigos usam trajes cheios de rendas e fitas, como reverência à sabedoria já adquirida durante todos os anos de vida. Os iniciantes vestem a “roupa de razão”, tipo de vestimenta mais simples, branca da cabeça aos pés, que vão adquirindo beleza e decoração de acordo com o tempo de iniciação.

Portanto, a religião está representada nos trajes, um dos pilares importantes do tradicionalismo baiano; além de deixar transparecer a imagem de Juliana como se esta fosse uma Orixá; uma deusa cobiçada por dois homens.

### **Cores**

Na composição dos trajes, a cor branca representa a pureza, estando presente em muitas manifestações culturais da Bahia, principalmente as religiosas.

Às sextas-feiras, dia de Oxalá, o pai e criador de todos os orixás, em Salvador; as pessoas saem para as ruas vestidas completamente ou parcialmente de branco. Além da crença por motivos religiosos, existe o respeito à tradição: quando nasce um bebê, nos terreiros de Candomblé, o primeiro objeto recebido é um tecido branco, que o acompanhará durante toda a vida, servindo como proteção e ímã para coisas boas; esse tecido também o acompanhará na sua morte.

A elegância do branco soberano ou misturado às outras cores homenageia as divindades, e demonstra prosperidade. O branco está presente em todos os trajes, colocando Juliana em um patamar de adoração.

O vermelho e os tons quentes aparecem na coleção em contrapartida ao branco, representando a morte, o sangue derramado, os pensamentos de ódio e raiva de José, a paixão de João ao dar uma rosa a Juliana, e a delicadeza do sorvete de morango saboreado.

### **Transparência**

A transparência existente nas partes inferiores e superiores dos trajes é utilizada para contrastar leve/pesado, além de trazer a beleza velada de Juliana, que é, ao mesmo tempo; menina e mulher. Tem como objetivo o contraste entre o delicado e o grosseiro. Estruturas geométricas se misturam à leveza do tecido e dos tubos de acrílico transparentes. Essa transparência no vestuário também possui cunho sensual, mostrando a beleza de Juliana, que hipnotiza os dois apaixonados.

### **A marca e o público alvo**

A marca realizadora da coleção se chama Juliana Chagas e o seu público alvo é constituído de pessoas de classe média a alta, atraídas pela moda conceitual. É um público feminino que possui uma bagagem cultural considerável e julga que os valores pessoais estão acima das tendências fáceis da moda, valorizando o conteúdo embutido nos produtos. Pessoas entre 25 a 65 anos, abertas a novas experiências.

São mulheres, em sua maioria, das áreas de humanas e artes: professoras; estudantes de marketing; moda; historiadoras; jornalistas; fotógrafas; musicistas, entre outras lançadoras de tendências.

A coleção dialoga com as coleções do estilista Ronaldo Fraga. As roupas da marca Juliana Chagas estabelecem proximidade com a brasilidade e o mundo contemporâneo; além de estabelecer intensa ligação com os consumidores pela abordagem de temas do cotidiano, da nostalgia, do regionalismo, da poesia e música.

### **Materiais utilizados**

Fitas de renda de algodão; miçangas e pedraria em plástico; tecido gazar 100% poliéster; tubos de acrílico; arame zincado.

### **Processos**

Para a construção da parte superior dos trajes, foi criado um tear para entrelaçamento das fitas de renda. Todas essas fitas foram adquiridas em feiras de artesanato do Nordeste. São

diferentes tipos de rendas feitas à mão, simples e delicadas, que simbolizam a temática da vida de Juliana. Após o recorte das rendas em formas simples, geométricas, as peças foram drapeadas, pregueadas e costuradas umas as outras a maior parte à mão, porém também foi utilizada a costura reta, e somente no final foram aplicadas as miçangas. A modelagem criada é simplificada, é a ornamentação que cria a riqueza de todos os trajes.

Na construção da parte inferior, primeiramente foram feitas maquetes que, transferidas para medidas maiores, se transformaram nas estruturas. Todas as formas foram modeladas a mão. Os tubos de acrílico comprados com 0.6mm de diâmetro e 2m de altura foram serrados e lixados de acordo com o tamanho necessário para cada parte das peças. As ligações entre as hastes foram feitas com o próprio arame. Os pedaços de tecido localizados em algumas partes das saias estruturais foram soldados no acrílico. A costura foi uma tentativa que não deixou o resultado bonito, pois os fios, mesmo que transparentes, ficaram muito a mostra, por isso foi utilizada a soldagem do tecido, que apresentou a melhor finalização, pois prendia o tecido com a mesma firmeza da linha, é minimamente aparente, embora tão trabalhoso quanto o outro método. Para soltar e prender as estruturas é necessário abrir as ligações entre as hastes.

## **Conclusão**

Fazer um trabalho sobre a visão de dois homens acerca de uma mulher da qual não se tem pistas de personalidade, jeito e aparência, trouxe resultados surpreendentes. Foi necessário imaginar histórias, rotina de vida, traços característicos de Juliana e as visões de João e José acerca desta mulher.

Poderia se imaginar que os processos de construção do trabalho e dos trajes seriam fáceis e simples, porém não foi o ocorrido. Apesar da afinidade com o tema escolhido, a produção das peças foi um trabalho árduo que acarretou angústia em vários momentos e exigiu muita energia criativa. Mas trouxe o fundamental e o desejado – a subjetividade inscrita nas peças e a marca individual de uma designer de moda em busca da moda conceitual.

O significado do trabalho, além do inicial, de retratar a mulher como objeto de desejo e adoração, permeando o universo tradicional das rendas e o contemporâneo das estruturas, apareceu aos poucos e acrescentou valores que antes não haviam sido pensados. A capacidade de desenvolvimento desse tema pode ser ampliada, pois tratar-se de sentimentos é um assunto que permite uma densa exploração.

Esta coleção mostra que é possível encontrar vários caminhos para demonstrar as características de uma mulher, com o simples e o complexo caminhando juntos, e que é necessário muito mais que estudos para desvendar seus segredos.



## Referências

GEGE Produções Artísticas. *Domingo no Parque*. In: **GILBERTO GIL**. Disponível em: <[http://www.gilbertogil.com.br/sec\\_musica.php?>](http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?>) Acesso em 11 de outubro de 2011.

JACOB, Adriana. *Alta costura afro baiana*. In: **Soteropolitanos – Cultura afro**. Disponível em: <<http://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2008/09/16/identidade-ancestral/>> Acesso em 19 de agosto de 2012.

LAUDARES, Maria Thereza. *Coleção traduz artesanias do Ceará em conceito de moda*. In: **Finíssimo**. Disponível em: <<http://finissimo.com.br/2012/04/17/jumnakao-dragao/>> Acesso em 29 de maio de 2012.

LIMA, Diane. *Sexta-feira é dia de branco*. In: **Moda no Mundo**. Disponível em: <[>](http://moda.ig.com.br/modanomundo/sextafeira-e-dia-de-branco/n1597190958224.html) Acesso em 20 de julho de 2012.

SORGER, Richard e UDALE Jenny. **Fundamentos de Design de Moda** / tradução Joana Figueiredo e Diana Aflalo. Porto Alegre: Bookman, 2009.

VAZ, Marina. *Domingo no Parque*. In: **Espaço Musical Popular Brasileiro**. Disponível em: <[>](http://espacomusicalbrasileiro.blogspot.com/2009/03/domingo-no-parque.html) Acesso em: 10 de novembro de 2011.

VISITE A BAHIA. *Atrações – Religião Candomblé*. In: **Visite a Bahia**. Disponível em: <[>](http://www.visiteabahia.com.br/visite/atracoes/religiao/candomble.php) Acesso em 20 de julho de 2012.

